

ESCRITA DE SI: TEORIZANDO O VIVIDO

Érica Renata Clemente Rodrigues (UERN – erica_qib@hotmail.com)¹

Esse texto propõe apresentar breves considerações sobre a contribuição do Diário de Pesquisa na escrita de si. Tem como objetivo refletir sobre o lugar do Diário de Pesquisa na (re)criação de si. O projeto é apresentar uma reflexão autobiográfica que, para mim, se justifica no exercício, acredito necessário, de rever a si própria. Tenciono mostrar um pouco do movimento, percurso, itinerância da pessoa que fui (ontem) para que sou (hoje). Apresento, como inspirações as ideias de Remi Hess (2004, p. 26), sobre “o momento enquanto possibilidade de apreensão da singularidade do sujeito. Não se trata de um instante ou situação. Trata-se de uma leitura clínica do vivido”, por um lado e, por outro, o que se encontra apresentado por Barbosa (2010) sobre o Diário de Pesquisa que, neste momento, venho denominando de Diário Pessoal.

Utilizo trechos do meu Diário Pessoal tentando refletir teoricamente, a partir dessas anotações, como o Diário de Pesquisa contribuiu e contribui para minha formação como ser humano, professora, mulher em busca da autoria de si. Nesse sentindo, como anunciou Roberto Sidnei Macedo no prefácio do livro “O diário de pesquisa” de Joaquim Barbosa e Hemi Hess (2010), os dispositivos de construção e elaboração das implicações “saem da penumbra construída pela violência positivista e se autoriza a dizer de uma condição propriamente humana. A condição de marcar o conhecimento e a formação com a vida, seus sentidos e significados” (p. 7).

Comecei a escrever meu Diário Pessoal no final de 2015 quando conclui o mestrado em educação. O modo como meu percurso no mestrado ocorreu foi um dos desencadeadores/motivadores da escrita do Diário de Pesquisa/ Pessoal. Escrevi sem a pretensão de compartilhar minhas anotações pessoais. No entanto, em conversa com o professor Joaquim, no fim do mês de agosto deste ano de 2018, entendi ser interessante e formativo compartilhar no meio acadêmico um pouco da influência do DP em minha formação pessoal. É importante ressaltar que, no momento, me sinto à vontade para compartilhar apenas alguns trechos desse diário.

¹ Texto elaborado sob supervisão de Joaquim Gonçalves Barbosa como parte de seu projeto de pesquisa intitulado “O Diário de Pesquisa e sua prática”.

Sempre senti vontade de escrever sobre mim mesma, ideias que tenho, sensações, experiências cotidianas. Tentei, algumas vezes (desde minha adolescência), escrever um diário, poemas, um blog privado. Na verdade, não tentei escrever nada muito elaborado, mas algumas vezes como forma de desabafo, para acalmar tantos pensamentos e, também, pelo desejo e encanto que tenho pela escrita. A leitura me inspira, e me dá a oportunidade de viver outras vidas que não a minha. Tive a oportunidade de ler o *Diário de pesquisa* e sobre como escritos cotidianos de uma família francesa acabaram tornando-se material de pesquisa e patrimônio histórico durante a guerra. É esperançoso ler e ver como pessoas “comuns” mudaram suas vidas, seu entorno e até mesmo a história “oficial” da humanidade. A partir dessa leitura percebi que (algum dia) poderia desenvolver uma pesquisa de doutorado sobre algo significativo para mim; algo que atrelasse o trabalho científico com uma escrita significativa, de algum modo incluísse minha subjetividade. Assim resolvi escrever, inicialmente, dois diários um sobre minha iniciação a carreira docente e um diário pessoal (Diário Pessoal – quinta-feira, 07 de janeiro de 2016).

Foi assim que se deu o início da escrita de meu diário pessoal. Já o diário sobre minha iniciação na carreira docente não teve prosseguimento; escrevi poucas vezes. Então, voltando um pouco na minha história, em como cheguei no “o momento” do diário pessoal, preciso falar um pouco sobre o ano de 2013 quando aprovei um anteprojeto de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC-UERN). Durante minha graduação em Pedagogia alinhei meus estudos, basicamente, a uma perspectiva estrutural, linha de pensamento que de certa forma também conduzia minha vida. Ao ingressar no mestrado trabalhei inicialmente, com uma perspectiva pós-estrutural que começou a me por em constante reflexão e desequilíbrio teórico. Qualifiquei a pesquisa com dois capítulos e após a qualificação ocorreu uma mudança de orientador e, por conseguinte, o encaminhamento reflexivo sobre tudo que já havia investigado, estudado, selecionado, inclusive sobre a abordagem pós-estrutural do projeto. Decidi junto com meu orientador, Joaquim Barbosa, seguir com o mesmo objeto de pesquisa, sem, no entanto, nos fecharmos em uma abordagem pós-estrutural.

A partir desse momento tínhamos menos de doze (12) meses para rever a teoria em que já estávamos imersos, repensar a pesquisa de campo, sua viabilidade ou não em ir a campo. Vivi momento de desequilíbrio e abatimento, não só pelo pouco tempo que dispunha para realizar a pesquisa. Mas, também por ter ciência, considerando a dimensão e intenção da pesquisa, de que não teria como

desenvolver com qualidade e profundidade o objeto proposto pela investigação. Havia o risco de não darmos conta do objetivo geral da pesquisa utilizando apenas um dispositivo de produção dos dados, bem como, desse dispositivo não atender ou responder a demanda da pesquisa. Diante de tantas incertezas e medos, por um momento me senti paralisada, incapaz de dar seguimento a investigação.

O apoio, respeito e maturidade do meu orientador nesse período foi de extrema importância para condução e conclusão da investigação. Ele me deixou a vontade no período em que não consegui escrever; evitou exercer pressão sobre mim e me incentivou a aceitar e olhar com menos crítica para mim mesma e para meu processo de formação inicial como pesquisadora. Sempre me lembrando de que mesmo com todo cuidado e zelo pela pesquisa, em alinhar o objeto, objetivos, metodologia, abordagem teórica, e tudo mais, os caminhos nem sempre são aqueles que planejamos inicialmente. Diante de todas as dificuldades conseguimos fechar o texto dissertativo para defesa dentro do prazo, assumindo que fizemos o melhor possível diante das circunstâncias, numa perspectiva qualitativa com um caráter exploratório, e dificuldades e limites de tempo em analisar com profundidade a pesquisa de campo. Senti dificuldade em me autorizar no processo de escrita da dissertação. A abordagem pós-estrutural me permitiu, de certo modo, ver os sujeitos pesquisados como coautores de produções de políticas no contexto da prática. No entanto, quanto a minha formação, atender as exigências e normas da academia parecia ser mais importante do que ousar a me constituir autora do meu trabalho.

Tentamos nos preparar para defesa; foi um momento por um lado libertador, e por outro lado, um momento em que minha frustração chegou ao ápice, pois não conseguia aceitar que depois de tanto esforço, meu trabalho não apresentava a “qualidade” que eu almejava. Meu orientador fez uma fala em minha defesa de que eu havia trabalhado duro na construção da pesquisa. Ouvi as contribuições da banca, e as falas, naquele momento, só confirmavam o meu sentimento de que o trabalho deveria estar melhor. Não consegui sorrir nesse dia. Nem nos dias seguintes. Minha dissertação foi aprovada e não consegui comemorar. Acordamos que nos sessenta (60) dias seguintes eu reorganizaria um pouco o texto: uniria dois capítulos em um só, e exploraria um pouco mais os dados da pesquisa. Entreguei o texto e não tive mais coragem de manuseá-lo; tentei com incentivo do meu orientador publicar parte do texto, mas não consegui. Sempre que vejo minha dissertação revivo um pouco da frustração, e do medo de não ter feito um bom

trabalho. Quase três anos já se passaram desde minha defesa e agora, enfim, criei um pouco de coragem para reler minha pesquisa e escrever sobre essa experiência, começando a acreditar na fala do meu orientador quando me dizia que eu tinha sim feito um bom trabalho e que estávamos aprendendo a fazer pesquisa.

Desde a defesa do meu texto dissertativo venho lendo e me encantando com a experiência do *Jornal de Pesquisa* apresentada pelo professor Joaquim Barbosa em seu livro *O diário de pesquisa* (2010). A possibilidade de uma escrita significativa vinda do cotidiano, como dispositivo de pesquisa formativa e autoria de si me capturou “instantaneamente”. A maneira leve e implicada de escrita utilizada pelo autor renovou minha esperança e desejo de dar seguimento a minha formação inicial como pesquisadora. A pessoa de Joaquim e a leitura de seus textos me ajudaram e continuam me ajudando no processo de autorização para vida; em meu processo de constituição como professora da educação básica; e como gente.

De acordo com Barbosa (2010) o propósito de seu livro é recolocar a escrita como recurso ao alcance de todos os estudantes, “principalmente quando o que se busca é a instituição de um sujeito capaz de atuar no árduo processo de elaboração de si, da própria subjetividade, de apreensão do movimento interno em sua relação dialética com a dinâmica externa e social” (p. 17). O *Diário de Pesquisa* tem me ajudado exatamente nesse processo árduo de elaboração de mim mesma; na medida em que escrevo e revisito os textos já escritos percebo que travo diversas negociações comigo mesma, vou criando saídas para os problemas do dia a dia e me reposicionando diante das circunstâncias da vida e de mim mesma. O DP tem me ajudado a não ficar a margem de mim mesma e me ajudado autorizar-me constantemente.

Sobre essa necessidade de criar novos componentes instituintes no processo de autorização de si, compartilho trechos de uma conversa e reflexões com minha irmã e uma amiga sobre relacionamento/casamento/religião em janeiro de 2016. Nesse dia, minha amiga falou sobre seus antigos planos de ser freira e depois de ser missionária. De como foi criada e o modo como sua mãe abomina a ideia de ela não se casar na igreja católica. Sua mãe acredita que o casamento é até a morte, e mesmo que seja divorciada não pode se relacionar com outra pessoa, pois seria considerada adúltera pela igreja; o que lhe privaria de participar ativamente de algumas obras.

Eu falei sobre um monte de ideias malucas e ainda não amadurecidas que rondam minha cabeça. [...] Que se eu não puder construir uma família por vias tradicionais (esperadas pela igreja protestante): namoro, noivado, casamento e filhos; pretendo ter pelo menos um filho... aí tudo complica porque como vou ter um filho sendo solteira? Vou fazer inseminação? Vou adotar? Ter esse filho não quebraria todas as regras e dogmas pelos quais eu luto e prezo desde sempre? Escrevo isso porque é um assunto que realmente me incomoda. Se eu não tomar essa decisão não ficaria a margem de mim mesma?! (Diário Pessoal, 28 de janeiro de 2016).

Posso dizer que apesar dos pesares; já vivi esse ano mais do que vivi nos últimos 10 anos, em relação às coisas do coração. [...] concretizei nesses meses mais coisas do que nos anos anteriores, já que não me permitia viver nada que não passasse por um longo pente fino... e como nada sobreviveu a essa peneira acabei não vivendo nada no campo amoroso. (Diário pessoal, 22 de abril de 2016).

Passar por essas experiências que parecem bobas não foi tão simples. Afinal, eu estava há muito tempo em um casulo. Mas sei que foram experiências necessárias e não me arrependo de ter vivido. (Diário pessoal, 27 de novembro de 2016).

Os trechos do meu Diário Pessoal retratam um pouco dos conflitos internos que vivi neste meu processo de autorização para vida. Passei muitos anos vivendo os momentos herdados de meus pais e, principalmente, os momentos impostos pelos dogmas da igreja protestante. No entanto, cheguei no momento Diário de Pesquisa/Pessoal em que senti a necessidade de tomar minhas próprias decisões; recusar certos momentos herdados socialmente que não correspondiam mais a pessoa que sou hoje. Assim como Hess (2004) em sua experiência com a pintura precisei recusar certos momentos herdados de meus pais, do meu meio de origem, de minha cultura, para poder criar novos momentos. E me autorizar para vida.

Referências

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa**: o estudante universitário e o seu processo formativo. Brasília: Liberlivro, 2010.

HESS, Remi. **A teoria dos momentos contada aos estudantes**. In: Revista da Faculdade de Educação e Letras da Universidade Metodista de São Paulo. Multirreferencialidade e educação. Educação & Linguagem, ano 7, nº 9, p. 26-44, jan-jun, 2004. ISSN 1415-9902.